



HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA NO DISCURSO PEDAGÓGICO ACERCA DA DEFICIÊNCIA

Laiane da Silva Ferreira¹ - Unifessa
Hildete Pereira dos Anjos (Coordenador do Projeto)² - Unifesspa

Agência financiadora: PIBIC/CNPq

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Educação inclusiva

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de um estudo inicial em relação à heterogeneidade enunciativa no discurso pedagógico acerca da deficiência. Pretende-se mostrar, Este foi realizado a partir da fala de professoras da rede pública do município de Marabá/PA, que em grupos focais discorrem sobre desafios, avanços e conflitos acerca do ensino aprendido de crianças com deficiência em salas de aulas regulares e especializadas. As falas das professoras foram analisadas segundo a perspectiva de análise de discurso de Brandão (2002) e Orlandi (2011), sendo que a noção de heterogeneidade enunciativa foi estudada a partir de Maingueneau (1997;2005); Brandão (2002) expõe conceitos introdutórios à análise de discurso, discorrendo acerca da análise de discurso e seu contexto histórico, a noção de sujeito e a noção de interdiscursividade. Orlandi (2011) discorre acerca da linguagem e seu funcionamento, os títulos I e II de seu trabalho exploram o discurso pedagógico e suas tipologias. Nas obras de Maingueneau (1997;2005), o autor aborda questões como o contexto e o espaço discursivo, a categorização dos discursos, o lugar do outro no discurso, características do discurso e da análise discursiva, entre outros.

Para alcançar o objetivo de analisar a produção discursiva pedagógica acerca da deficiência em relação com as dinâmicas socioeducacionais da região foi necessário retomar a produção discursiva docente já sistematizada nos anos iniciais do projeto, cujo *corpus* já está constituído para apontar e analisar marcas discursivas referentes à heterogeneidade enunciativa, ou seja, que outros são mobilizados nos discursos e como tal mobilização caracteriza esses outros, estabelecendo-lhes um “lugar pedagógico”.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para realização deste projeto foi realizado a produção de um dispositivo analítico para tratar o *corpus* discursivo já disponível com o uso do conceito de heterogeneidade enunciativa; foi feito o estabelecimento de relações entre o corpus analisado e a literatura sistematizada, através de fichamentos e quadros de análise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar as produções discursivas pedagógicas acerca da deficiência, é possível perceber nas falas das professoras entrevistadas alguns eixos que podem ser estudados separadamente para melhor análise. O primeiro deles trata-se da visão do lugar do outro, muito discutido nas falas das professoras. O segundo trata da visão médica intrincada na percepção de ver o aluno com deficiência, e por fim conflitos entre o ensino e suas funções (Sala regular e AEE).

A primeira fonte de análise e mais notável através do discurso das professoras, é o conflito existente entre concepções das docentes da sala regular e do AEE. Estes conflitos são perceptíveis através das falas que expressam uma visão do Outro como inexperiente, ou em outros casos quando há o desdém ao falar do outro do lugar que se está. As divergências no que se refere as concepções de ensino são inúmeras vezes citada pelas professoras.

¹Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia – (FACED/ICH/UNIFESSPA). Bolsista do programa de Extensão PIBIC-UNIFESSPA. E-mail: laiferreira12@gmail.com

²Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia/UFBA. Professora Associada da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (FACED/ICH/UNIFESSPA). E-mail: anjoshildete@unifesspa.edu.br.

Nós temos um aluno na nossa sala que ele tem dezessete anos, quando ele iniciou na sala multifuncional a outra (acredito que está se referindo a professora do ensino comum) dizia assim: Ah! Ele não consegue fazer isso. Na hora do lanche ela pegava o dele e ia comprar, eu digo, ele tem capacidade de comprar o lanche dele, você vai lá ao portão comprar o seu lanche e ele foi lá e comprou o lanche, daquele dia em diante ele foi sempre comprar o lanche dele. Quer dizer, esse é um tipo de avaliação de se trabalhar com esse aluno. Ir ao banheiro, ah! Vai ao banheiro sim sozinho, você vai trabalhar nesse semestre e ensinar a ir ao banheiro sozinho, tomar água, vamos abrir a torneira, então é avaliação. Está conseguindo se superar, contínuo (E138).

A professora refere-se ao que parece ser a professora do ensino regular como “a outra”, em sua segunda fala ela reprova a atitude da professora demonstrando através da frase “na concepção dela” que a professora não sabia que estava cometendo um erro ao ignorar o aluno por conta da sua deficiência. Como evidenciado nesta fala, o discurso de algumas professoras revela uma visão divergente em relação as ações de professores do ensino regular, que entre linhas são citadas como equivocados. Maingueneau (1997) define estas palavras não ditas como metadiscorso ou discurso sobre o discurso, que segundo o autor este “ (é) destinado a *construir uma imagem do locutor*, diferenciando-se e eventualmente de uma outra”. Destarte, ao relatarem de tal forma as ações de colegas, estas fazem uma construção aleatória de si mesmas, ainda que inconsciente, se constroem com palavras de um discurso formulado de si mesma enquanto falam de outros, esse discurso é caracterizado como metadiscorso.

O metadiscorso se apresenta como um jogo com o discurso; na realidade, ele constitui um jogo *no interior deste discurso*. Presume-se, uma vez mais, que se possua uma concepção apropriada da discursividade: não um bloco de palavras e de proposições que se impõe maciçamente aos enunciadores, mas um dispositivo que abre seus caminhos, que negocia continuamente através de um espaço saturado de palavras, palavras outras. (MAINGUENEAU, 1997 p.94)

Às vezes, as vozes discursivas de outros se tornam o discurso de quem fala, seja consciente ou inconscientemente. Para Maingueneau (2005) o outro não é um separado do meio ou um envelope de informações solitárias, segundo o autor o sujeito constrói sua identidade a partir do lugar que fala. O lugar de onde se fala molda o discurso que se fala, “atribuindo-lhe a autoridade vinculada institucionalmente a este lugar” (MAINGUENEAU, 1997 p.33). Este “moldar” de discurso não se dirige necessariamente ao lado negativo, neste caso específico pode haver a tendência aceitar o laudo médico como um determinante atestado de invalidez ou como um estímulo para repensar práticas pedagógicas e incentivo para alcançar metas de desenvolvimento como é ressaltado pelas professoras em suas falas:

Eu criei o meu próprio [plano de trabalho com o aluno]. Eu observo o aluno, eu observo bem as habilidades que ele tem, entendeu? Eu tenho aluno que tem que estimular só a mexer com as mãos, então eu criei um objetivo para ele, um plano individual, contar história, foi minha mesmo. Porque, como é que eu vou trabalhar com o aluno se eu não tenho o plano dele individual? Então, eu tenho uma meta que eu acredito que eu vou alcançar, não é? (E128).

Deste modo

Sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social. Desta forma, como ser projetado num espaço e num tempo e orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta sua fala (nível intradiscursivo), mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo). (BRANDÃO, 2002 p.49)

Em sua publicação Orlandi (2001 p.28) define o discurso pedagógico como “um discurso circular, isto é, um dizer institucionalizado, sobre as coisas, que se garante, garantido a instituição em que se origina e para a qual tende: a escola. O fato de estar vinculado a uma escola, a uma instituição, portanto, faz do DP (discurso pedagógico) aquilo que ele é, e o mostra [revela] em sua função”. Assim compreende-se que quando a professora fala acerca das funções avaliativas ou desempenha hábitos segregativos, esta o faz por uma construção discursiva social acerca da escola na qual a professora está inserida. Quando elas expressam o caráter eliminatório da avaliação o fazem sem conhecimento de um discurso de outros que as antecederam, articulam o próprio discurso com o processo discursivo da compreensão da educação.

Neste processo discursivo o professor é levado a fazer uso da metalinguística para afirmar o poder imposto a ele pelo processo discursivo social acerca da educação e por sua vez o educador se apropria deste poder e assume a postura de detentor do conhecimento. Desta forma o professor torna-se “institucional e

idealmente aquele que possui o saber e está na escola para ensinar, o aluno é aquele que não sabe e está na escola para aprender. O que o professor diz se converte em conhecimento, o que autoriza o aluno, a partir de seu contato com o professor, no espaço escolar, na aquisição da metalinguagem, a dizer que sabe” (ORLANDI, 2011 p.31).

Outro ponto de predominância encontrado no discurso das professoras refere-se a compreensão de o aluno como sujeito vazio e o professor como conhecedor e transmissor do conhecimento. Orlandi (2011) destaca que “pelo lado do aluno há aceitação e exploração dessas representações [...] Desenvolvem-se aí tipos de comportamento que podem variar desde o autoritarismo mais exacerbado ao paternalismo mais doce”. (p.31)

A concepção do outro como o que não sabe, não é direcionada apenas aos alunos e isto é externado sutilmente nos discursos de algumas professoras.

A gente que trabalha na escola em que esses alunos fazem o ensino regular, sempre temos uma conversa com o professor. Às vezes o professor fica naquele desespero de que o aluno não aprendeu nada. Ah! Ele não sabe nada. Quando o professor diz: Ele não sabe nada. Isso já nos deixa angustiada. Então, a gente recorre à ficha. E mostramos para aquele professor, olha aqui, no início do ano ele só sabia fazer bolinha, agora ele não faz só bolinha, mas ele já faz um tracinho que parece com a letra “A” e isso já é um avanço. Ele não sabia dizer o que era pequeno e o que era grande, porém, agora ele já sabe! Isso é um avanço. A partir do momento em que o professor da sala de recurso faz esse relato e o professor da sala comum também, ajuda bastante, pois ele vai dizer: Ah! é mesmo! Podemos observar também a questão da socialização da criança, pode ser que ele não conversava com os outros colegas, agora ele já está conversando, então é uma coisa que o professor do ensino regular e da sala de recurso têm de está sempre observando. Trabalhando em conjunto. (E133)

A professora em sua fala evidencia seu saber quanto professora especializada e em seu discurso coloca o outro (professor da sala regular) em posição do que não sabe. Na visão de Brandão, “é o caso do discurso indireto livre, da ironia, da antífrase, da alusão, da imitação, da reminiscência em que se joga com o outro discurso (às vezes, tornando-o mais vivo) não mais no nível da transparência, do explicitamente mostrado ou dito, mas no espaço do implícito, do semidesvelado, do sugerido” (BRANDÃO, 2002 p.50).

Nas falas elencadas destaca-se o discurso de que o professor não está pronto para um desempenho eficaz de suas funções em sua área de atuação. Persiste a ideia de um professor incapacitado, esta visão é amplamente disseminada entre os próprios professores quando o professor que atua na sala especializada olha o professor da sala regular e ver nele um sujeito sem formação e sem capacidade de atuação eficaz com alunos público alvo do atendimento educacional especializado, desconsiderando as experiências do sujeito quanto educador, o mesmo acontece ao contrário, educador da sala regular com visão distorcida quanto a atuação do educador da sala especializada.

Esses discursos decorrentes de processos discursivos que atravessam o discurso pedagógico, são resultados de uma longa cadeia de atitudes e comportamentos impostos a sociedade e aceitos como verdade por ela. São reproduções que ganham formas e atravessam as falas das professoras como um discurso metalinguístico acerca da educação e formação do educador.

As falas aqui analisadas não determinam quem cada professora é, ou o que fazem em suma, são apenas fragmentos de um todo que envolve cotidiano escolar, social entre outros que não podem ser ignorados. Vale ressaltar ainda que as professoras aqui citadas não foram as únicas a expor sua rotina e falar de sua prática diária escolar, estas ocultas aqui também enriquecem o corpus deste trabalho, não citadas apenas pelo fato de terem sido contempladas em outras falas de colegas, para evitar a redundância estas não foram citadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em análise do discurso das professoras, foi possível perceber os processos discursivos que atravessam os discursos de cada uma delas, os tornando heterogêneos. As professoras apresentam em suas falas conflitos de opiniões pedagógicas acerca do ensino entre sala regular e Atendimento Educacional Especializado (AEE). É possível perceber que elas alimentam uma concepção negativa sobre o saber das colegas, e isso acontece tanto de professora da sala do regular para AEE, quanto ao contrário. Esse conflito entre saberes e preconceitos formados, segundo as próprias professoras, impede o desenvolvimento do ensino. Como algumas relataram, a atividade em conjunto de AEE e regular viabiliza um aprendizado eficaz.

Como já mencionado, é notório no discurso entre formação, concepções de educação, um segundo discurso, este social. A concepção social de educação, um processo discursivo construído ao longo dos anos, que é tomado inconscientemente como único e verdadeiro. Pensando que outros são mobilizados nos discursos e como tal mobilização caracteriza esses outros, estabelecendo-lhes um “lugar pedagógico”, vemos que tal

lugar tem sido o do conflito entre os vários agentes da educação inclusiva, que são mobilizados discursivamente para destacar seu despreparo ou suas concepções errôneas sobre inclusão.

A heterogeneidade discursiva presente nas falas das professoras é derivada de várias correntes de construção e processos sociais que são incorporados e transferidos por educadores, alunos e sociedade. Como já mencionado, não são analisadas aqui as professoras quanto pessoas, mas sim os seus discursos quanto professoras e características que estes possuem, os contextos em que eles se manifestam e influências externas sociais que os alteram os moldam de acordo com os padrões sociais ou contra eles.

REFERÊNCIAS

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Ed. 03, Campinas/São Paulo: Pontes 1997

MAINGUENEAU, Dominique. Primado do interdiscurso *in* MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Criar edições Ltda. Curitiba/ Paraná, 2005. pg. 33-48.

BRANDÃO, H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Ed. 8º, Campinas, São Paulo/SP. Editora da Unicamp, 2002.

ORLANDI, E. Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. Ed. 6º, Campinas, São Paulo/SP. Pontes Editores, 2011.